IDENTIDADES E PARADOXOS DO YOGA NO BRASIL: CAMINHO ESPIRITUAL, PRÁTICA DE RELAXAMENTO OU ATIVIDADE FÍSICA?

Maria Lucia Abaurre Gnerre*

RESUMO: Neste artigo vamos fazer uma breve análise da trajetória do Yoga (prática milenar relacionada à religião hinduísta) dentro do universo cultural brasileiro e norte-americano, onde ele passa a adquirir novas identidades. Vamos observar como o yoga vem sendo definido dentro destas sociedades ocidentais, em comparação às suas definições clássicas provenientes dos textos sagrados indianos.

PALAVRAS-CHAVE: história das religiões; hinduísmo; yoga; Brasil.

ABSTRACT: In this article we give a brief analysis of the path of Yoga (ancient practice related to Hindu religion) within the Brazilian cultural universe and the U.S., where it takes on new identities. We must analyze how the yoga has been defined in these Western societies, compared to their classical definitions from the sacred texts from India.

KEYWORDS: history of religions; hinduism; yoga; Brazil.

1 ORIGENS DO YOGA

O propósito original do yoga desenvolvido na Índia está diretamente conectado o aspecto espiritual da existência humana, e ao próprio conceito de *religare* – palavra em latim na qual se baseia a palavra religião, e que designa justamente este processo de religar o homem a um aspecto divino da existência**.** Este processo de realização da própria realidade transcendente – que se constitui enquanto objetivo supremo do Yoga – se traduz, na prática, em um processo de busca do praticante pela própria transcendência do ego, que segundo os princípios filosóficos do Yoga é um dos aspectos da

* Doutora em História Social pela Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). Pesquisadora do Programa de Desenvolvimento Científico Regional (DCR) do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Desenvolve pesquisas na área de História das Religiões / Religiões Orientais no Brasil. Membro do Departamento de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: luciaabaurre@terra.com.br.

consciência que nos torna sempre sujeitos individuais separados do mundo no qual estamos imersos (YENGAR, 2007, p. 219).

Esta transcendência, no entanto, não se daria através de uma disputa entre a consciência individual e a própria consciência universal que a tudo permearia – com a prevalência da segunda sobre a primeira. A transcendência, a experiência divina, só seria possível através da união ou fusão da consciência individual com a consciência universal.

Seguindo esta linha de pensamento, o autor indiano BKS Yengar (considerado um dos principais yogues vivos da atualidade) nos apresenta a seguinte definição:

> Ioga significa atar, juntar, prender, unir, ligar – elevar a inteligência do corpo ao nível da mente e então atar as duas para uni-las à alma. O corpo e o planeta terra com toda sua diversidade. A alma e o espírito, o céu acima de nós. A ioga é o instrumento que liga os dois, a multiplicidade à unidade. (IYENGAR, 2007, p. 304).

Assim, a ligação do céu e da terra que representa metaforicamente a própria ligação do corpo com a mente – e destes com alma universal – é o elemento central das grandes definições de Yoga. Por isso, mesmo não tendo um sistema teológico próprio, o Yoga seria uma forma de religião. Pois seu objetivo supremo seria a própria fusão – ou união – com o espírito divino do qual se acredita que tudo deriva, e do qual tudo faz parte.

Em um dos sutras considerados clássicos do Yoga, temos a este respeito a seguinte definição:

> Diz-se do Yoga que é a unidade de expiração e inspiração, de sangue e sêmen, bem como a união do sol e da lua, da alma vivente individual com o supremo si mesmo. (Yoga – Shikha – Upanishad 1.68-69, apud FEUERSTEIN, 2005, p. 38).

Esta conexão da alma individual com o supremo si mesmo (representada metaforicamente pelo sol e pela lua) seria possível justamente nos estágios superiores da meditação, onde o praticante poderia alcançar um momento de parada das ondas de pensamento que seguem continuamente desconectando o homem de sua essência divina. Assim, para que o praticante domine esta técnica de meditação, de parada das ondas cerebrais, seria importante realizar um domínio primordial do corpo através das técnicas de posturas físicas (*asanas*) e práticas respiratórias (*pranaiamas*).

O caráter técnico de todos estes elementos faz com que alguns autores definam o Yoga como uma ciência da transcendência. Segundo Paramahansa Yogananda, um dos primeiros e mais importantes Yogues a se radicarem

nos Estados Unidos "Por meio da Ioga, a religião pode tornar-se científica. A Ioga é exata e científica. Ioga significa união da alma com Deus por meio de métodos gradativos, com resultados específicos e conhecidos. Ela eleva a prática da religião acima das diferenças dogmáticas" (YOGANANDA, 2007, p. 49).

Assim, por dispor deste caráter técnico-científico (que não se enquadraria, é claro, em um conceito cartesiano estreito de ciência), o Yoga poderia ser utilizado no âmbito de diversas religiões. Mas, embora exista a possibilidade deste trânsito multi-religioso ou ecumênico do Yoga, esta prática está historicamente vinculada a três grandes religiões orientais: o hinduísmo, o Budismo e o Jainismo.

O pesquisador G. Feuerstein, um dos principais estudiosos contemporâneos sobre o assunto, nos explica detalhadamente a forma como se dá esta conexão:

> O Yoga pode ser imaginado como um dos maiores ramos de uma árvore gigantesca cujas raízes mergulham no passado remoto do período neolítico e cujos ramos mais novos de sua grande copa ainda crescem em nosso tempo. A base do tronco é constituída pela cultura védica, tal como nos dão a conhecer os quatro hinários remanescentes – o Rig-Veda, o Yajur-Veda, o Sama-Veda e o Atharva-Veda. O estudo cuidadoso dessas obras revela que os videntes (rishi) que as compuseram conheciam profundamente o Yoga, que ainda chamavam de tapas, palavra comumente traduzida por ascese [...]. Seu Yoga era sob todos os aspectos um Yoga solar, sendo o Sol o objeto de suas aspirações espirituais . Muito tempo depois, no Bhagavad-Gita (4.1), o sol é lembrado como o primeiro mestre do Yoga.
> Os ensinamentos profundos dos videntes védicos, cujas palavras de sabedoria vieram a ser consideradas uma 'revelação' (shruti, audição) pelas gerações posteriores, foram desenvolvidos nos Bramanas (textos rituais), Aranyakas (textos rituais para os ascetas que se retiravam para as florestas) e Upanishads (textos gnósticos). Estes últimos textos sagrados – que, como os outros, foram transmitidos oralmente por muito tempo antes de serem escritos – incorporam os diversos ensinamentos do Vedanta (que significa fim do Veda), que são essencialmente não dualistas (advaita). Pouco tempo depois dos Upanishads do período intermediário (notavelmente o Katha Upanishad), o tronco da nossa árvore imaginária dividiu-se em três. O tronco do meio, mais grosso, deu continuidade à tradição védica e levou ao que hoje se chama de Hinduísmo; o segundo tronco fez evoluir a tradição do Jainismo, pequena mas cheia de ramos, e o terceiro tronco fez manifestar a complexa tradição do Budismo. (FEUERSTEIN, 2005, p. 44).

Assim, o Yoga não se origina no Hinduísmo, no Budismo, ou mesmo no Jainismo. O yoga desenvolve-se diretamente no seio dos ensinamentos védicos, e estas três religiões, por sua vez, são também dos Vedas derivadas. Por isso, trata-se de uma disciplina espiritual que transita entre estas três tradições – pois está presente nos próprios hinários dos quais estas tradições se originam.

A história dos Vedas, por sua vez, tem sido reconstituída por arqueólogos e historiadores, sobretudo ingleses, que começam suas pesquisas ainda no período de dominação britânica sobre a Índia[1]. Há uma unanimidade entre os estudiosos do assunto em afirmar que os povos védicos teriam se fixado no vale do Indo-Sarasvati (Índia), num período que vai de 4000 a 500 a.C., em diferentes ondas migratórias. Estes povos teriam organizado um conjunto de práticas e rituais com o objetivo de estabelecer contato direto com o Divino. Tais práticas envolvem sacrifícios animais em um primeiro momento, mas os sacrifícios teriam sido substituídos por práticas meditativas já na fase das escrituras conhecidas como Upanishads[2] (IONS, 1987, p.37).

Assim, os sábios védicos teriam criado este conjunto de práticas meditativas visando a uma experiência visual, sonora, profunda, de Deus. Depois, à luz de suas visões, teriam criado um conjunto de hinos (Rig-Veda, Yajur-Veda, Sâma-Veda e Athar-Veda). Nestes hinos, temos as primeiras referências ao termo Yoga. Estes textos seguem uma extensa trajetória até os dias atuais, tendo sido trazidos de uma tradição oral para uma tradição escrita em diferentes momentos da história indiana. Nesta literatura védica está sintetizada justamente a base filosófica do Yoga pré-clássico, que parte do princípio não-dualista (ao qual Feuerstein faz referência em seu texto) segundo o qual Deus e o ser humano são um só. Segundo tal princípio, o homem poderia, em vida, fundir-se com o absoluto.

[1] Grande parte do conhecimento que vem sendo desenvolvido sobre esta sociedade decorre de pesquisas arqueológicas de universidades britânicas, norte-americanas e indianas. Sobre a civilização do Indo-Sarasvati, cf. FRAUWLEY, D.; FEUERSTEIN, G.; KAK S. *In search of the cradle of civilization*. Weaton, Illinois: Quest books, 1995.

[2] Os Upanishads são escritos posteriores aos Vedas. Trata-se de um gênero da literatura hindu. Segundo Feuerstein (2005) a palavra Upanishad, significa "sentar-se perto do próprio mestre", e seria uma referência à transmissão oral do conhecimento esotérico de mestre para discípulo. Os mais antigos foram compostos antes do Budismo, datando talvez do segundo milênio antes de Cristo, e os mais recentes datam do século XX. Todos os Upanishads são considerados revelações sagradas, pertencendo à parte da sabedoria, em oposição à parte ritual da tradição védica (CF. FEUERSTEIN, 2005, p. 243).

Segundo os princípios do Yoga pré-clássico, pela concentração da atenção pode-se desfazer a barreira entre o visível e o invisível e efetuar o contato com as esferas divinas. Por isso, em sua forma inicial, o Yoga consistiria essencialmente em técnicas de concentração mental, controle da respiração, canto e adoração espiritual às divindades Védicas.

Deste ramo da árvore imaginária do Yoga surgem também, no período dos Upanishads, dois outros ramos: o Samkhya (filosofia da criação do cosmo) e o Vedanta (filosofia baseada na parte final dos Vedas, isto é, nos Upanishads). Mas o Yoga persiste, no entanto, como um ramo central do Hinduísmo, desde seu momento de origem até os dias atuais.

Segundo o historiador das religiões Mircea Eliade, a história do Yoga estaria diretamente ligada à própria historia da Índia. Para o autor, esta doutrina estaria presente "Tanto nos textos escritos em Sânscrito e em línguas populares quanto na tradição ora da Índia. A tal ponto isto é verdade que o Yoga se tornou, por fim, uma dimensão característica da Espiritualidade Indiana" (ELIADE apud CARVALHO, 2007, p. 14).

Tal condição de ligação com o hinduísmo permanece até a atualidade entre diversas escolas de Yoga orientais e ocidentais. E esta conexão religiosa incide diretamente sobre o conceito de 'divino' trabalhado nas diferentes escolas de Yoga. Embora a visão de mundo dos textos védicos (da qual decorrem as religiões hinduístas), seja essencialmente politeísta – com um amplo e complexo panteão de deuses –, a crença no Deus único também está incluída nesta tradição. Mesmo os Deuses integrantes da trindade principal do hinduísmo – Braman (Deus da criação), Vishnu (Deus da permanência) e Shiva (Deus da destruição) são considerados emanações de um único princípio criador. Tais emanações divinas são, por sua vez, responsáveis por estabelecer os próprios princípios da criação de todas as coisas (cf. IONS, 1987, p. 40).

Assim, a religião hindu pode ser considerada ao mesmo tempo poli e monoteísta. Por isso temos, entre as práticas do Yoga, ao mesmo tempo concepções personalistas de uma Pessoa Suprema (Deus ou Deusa) e a noção impessoal de um ser absoluto. Deste aspecto do hinduísmo decorrem diferenças entre os ramos da prática do Yoga. Algumas seguem uma tendência mais religiosa (de adoração das divindades hindus através de mantras, como no Bhakti Yoga), ao passo que outras tendem a ser mais filosóficas e mais ligadas a um conceito de absoluto sem forma (como o Jnana Yoga, ou caminho da sabedoria auto-transcendente).

Além destes dois ramos do Yoga citados acima (Bhakti e Jnana Yoga), o Yoga divide-se ainda em outros cinco ramos. O famoso HathaYoga –

ou Yoga do corpo - constitui-se como um destes ramos. A raiz histórica do HathaYoga remete ao século XI d. C., e por isso é considerada uma forma de Yoga pós-clássica – pois sua origem está temporalmente situada no período posterior ao clássico, no qual prevaleceram as concepções do sábio Patânjali[3].

No século II d.C., Patânjali teria se tornado o grande compilador dos conhecimentos sobre Yoga em seu texto *Yoga Sutras*, considerado o marco do Yoga Clássico. A concepção de Patânjali era essencialmente dualista, e pensava na separação entre morte e vida, corpo e espírito, como elemento central na experiência do êxtase transcendental. Já na HathaYoga este dualismo se dissolve, e o próprio corpo passa a ser valorizado enquanto instrumento de iluminação. O surgimento desta forma de Yoga relaciona-se ao advento do Tantrismo, ramo filosófico que deixa de perceber o corpo como impuro, e passa a conceber o corpo como instância que também pode ser iluminada. Assim, a concepção central do HathaYoga é justamente a realização do Si Mesmo por meio do aperfeiçoamento do corpo. Afinal, um corpo vigoroso seria um pré-requisito para suportar a força da própria experiência transcendental.

Assim, o Yoga em sua origem é uma prática essencialmente voltada para este aspecto espiritual e religioso do ser humano. Mas trata-se também uma prática diversificada, que ao longo de sua história milenar desenvolveu diversas técnicas de transcendência. Algumas destas técnicas estão diretamente relacionadas a práticas físicas, como a famosa Hatha Yoga, ou Yoga do corpo.

2 O YOGA DO CORPO E O YOGA NO OCIDENTE

Justamente a Hatha Yoga tem sido a porta de entrada do Yoga no ocidente, num processo que tem início na primeira metade do século XX. Graças a esta prática física - que traz uma série de benefícios à saúde de seus praticantes - a palavra Yoga encontra-se hoje largamente difundida no

[3] A filosofia de Patânjali (que teria vivido aproximadamente no século II a.C.) concebe o mundo através de um dualismo essencial entre o Si Mesmo transcendente (Purusha) e a natureza manifestada das coisas (prakriti). Segundo Patânjali, justamente a nossa identificação com o corpo e a mente egóica, e não com o Si Mesmo transcendente, é a causa de tanto sofrimento para os seres humanos. A diferença desta filosofia para o sistema Védico é que Patânjali não aceitava a identificação proposta pelo sistema anterior entre o Si Mesmo Transcendente (Atman) e o fundamento transcendente do mundo objetivo – Brahman (cf. CARVALHO, 2007, p. 21).

Brasil. Mas, tanto aqui, quanto em outras sociedades ocidentais, podemos dizer que, na maioria dos casos, a prática passa a ser a ser incorporada à sua cultura como uma espécie de ginástica ou um tipo de contorcionismo que nos remete a uma tradição circense.

Assim, quando buscamos referências à prática de yoga em revistas ou jornais contemporâneos de grande circulação, podemos encontrar imagens como esta:



Figura 1: Cartoon norte americano sobre yoga[4].

Neste cartum norte americano, disponível num site da internet, temos dois elementos importantes para compreender os paradoxos que acompanham esta trajetória do yoga no Ocidente: Primeiro, temos o próprio

[4] Cartoon disponível em: <www.sangrea.net>, também citado no blog http://issoeyoga.blogspot.com. Acesso em: 12 mar. 2010.

desenho, onde uma mulher literalmente dá um nó em si mesma – mostrando o yoga como uma espécie contorcionismo que deixa sua praticante com uma expressão de pânico. E, em segundo lugar, temos uma pergunta no canto direito, que pode ser traduzida da seguinte forma: "Yoga: passatempo relaxante, caminho espiritual ou esporte extremo?"

Neste questionamento, temos um resumo das formas como o yoga vem sendo apresentado às sociedades ocidentais contemporâneas: ora como atividade de relaxamento do stress, ora como caminho espiritual, e ora como um esporte que exige muito de seu praticante. O autor do cartum questiona justamente qual seria a verdadeira identidade da prática de yoga. Todo esse questionamento nos mostra algumas premissas culturais que tornam difícil esta compreensão da natureza do yoga aos olhos ocidentais. Ao apresentar de forma dicotômica o caminho espiritual e o caminho físico (ou esportivo), fica evidente uma concepção ocidental de corpo, como algo sempre separado de esferas espirituais. Na cultura indiana, estas esferas haviam deixado de ser vistas como dicotômicas desde a ascensão do tantrismo – momento em que a Hatha Yoga se desenvolve.

Assim, temos esta dicotomia básica entre corpo e espírito como um elemento marcante nas culturas ocidentais. E justamente esta divisão torna difícil a compreensão do yoga como prática espiritual já que ela vem sendo apresentada, sobretudo, como uma prática física aos nossos olhos.

Esta identidade com o corpo marca a maneira como o yoga vem sendo introduzido no Brasil, onde o Hatha Yoga, instalou-se em centros, parques e sobretudo em academias de ginástica. A mídia vem divulgando seus benefícios em publicações de grande circulação – como a revista Veja – e em diversas publicações específicas sobre o tema[5]. Redução do estresse, emagrecimento, alívio de problemas hormonais (sobretudo na menopausa), cura de doenças respiratórias e problemas de coluna são apenas alguns dos benefícios que vêm sendo recentemente divulgados pela mídia, associados ao Yoga. Assim, seus benefícios físicos parecem seduzir cada vez mais adeptos na sociedade

[5] Nos últimos anos temos alguns importantes exemplos deste processo de difusão do Yoga na mídia. Em agosto de 2003, a revista *Vida Simples* – na época uma edição especial de outra revista, a *Superinteressante* (ed. Abril) – publica um número somente dedicado ao Yoga. Em 2006 a revista *Veja* dedica uma matéria de capa ao assunto. Além desta, as revistas *Boa Forma* e outras publicações especializadas vêm constantemente publicando, de forma regular, matérias sobre a prática de Yoga. As primeiras referências sobre Yoga a serem publicadas na mídia brasileira são, no entanto, muito anteriores. Na famosa obra de José Hermógenes, *Yoga para Nervosos*, o autor cita uma série de fragmentos publicados em 1971 no jornal *O Globo* sobre o assunto (HERMÓGENES, 2003, p. 21-22).

brasileira – onde o culto ao corpo configura-se como um elemento central nas relações sociais contemporâneas.

Na revista Corpo a Corpo de 2005, temos uma reportagem que exemplifica um tipo de discurso relacionado ao yoga na mídia de grande circulação:

> Só com ioga: Ter um corpo malhado sem exercícios aeróbicos ou musculação pesada. Parece milagre, mas não é. Saiba que você pode conquistar pernas definidas, barriga tanquinho, braços sarados só com ioga. (Revista Corpo a Corpo, ed. 199, jul. 2005).

Aqui a prática de yoga é apresentada como uma atividade que atinge os mesmos resultados dos exercícios aeróbicos e da musculação pesada: a barriga tanquinho, os braços sarados, etc. Em momento algum a reportagem explicita que estes não seriam os objetivos originais do yoga. Pelo contrário: o resultado físico é o que mais importa. Na mesma revista, lemos o depoimento de uma professora sobre a prática de uma modalidade de Hatha Yoga – a swásthya Yoga:

> Além de detonar as gordurinhas extras, a swásthya (yoga) atua no controle do sistema nervoso – melhorando o estresse e a ansiedade por meio de posturas e respiração corretas – e ainda faz os adeptos dispensarem alimentos que não sejam proveitosos para o organismo, como carnes e frituras, por exemplo. Resultado: metabolismo funcionando bem, produção de hormônios em ordem e balança equilibrada. "Tenho alunas que emagreceram 3 kg em um mês só com essa ioga. A atividade induz naturalmente a um programa de reeducação alimentar por causa de sua filosofia e, por melhorar aspectos emocionais como tensão e preocupação, torna mais consciente a relação das pessoas com a comida", informa a professora Nina de Holanda. "Os efeitos de se sentir mais leve aparecem já na primeira aula. Porém, a melhora da flexibilidade, o tônus muscular e a diferença na fita métrica ocorrem após um mês", completa Nina. (Revista Corpo a Corpo, ed. 199, jul. 2005).

Neste depoimento, os resultados do yoga podem ser expandidos ao plano do relaxamento do stresse, e diminuição da ansiedade. Estes benefícios, por sua vez, resultam em outros benefícios físicos, como emagrecimento, melhoria da qualidade do sono e conseqüente melhoria da pele, etc. O yoga, aqui, é apresentado com propósitos diretamente vinculados à melhoria das emoções e do funcionamento do corpo dos praticantes. E as duas coisas são interligadas para atingir o propósito final: a redução das medidas na fita métrica após um mês de prática.

Pode-se dizer que há um processo de apagamento da matriz religiosa-hinduísta da prática, para que ela se torne cada vez mais fácil de ser compreendida e consumida pelos padrões contemporâneos. Em alguns casos extremos, o yoga adquire conotações sexuais, já que as posturas podem favorecer poses como esta:



Figura 2: Imagem da revista Vanity Fair - Planet Yoga - ano 2007[6].

Nesta imagem, vemos a atriz norte-americana Christy Turlington praticando a postura *Dhanurasana* (ou "postura do arco") apenas com roupas íntimas e molhadas. A fotografia traz um claro apelo erótico associado ao yoga. Este tipo de conotação é diametralmente oposta à identidade original da prática, conforme apresentamos anteriormente. No caminho óctuplo do Yoga proposto nos *Yoga Sutras* de Patanjali, um dos elementos centrais da ética yogue é justamente *Brahmacharya* – ou o controle dos impulsos sexuais – conceito que pode ser entendido também como boa conduta sexual.

[6] Disponível em: <http://issoeyoga.blogspot.com/2009/12/garota-da-camisa-molhada-e-yoga.html>. Acesso em: 12 mar. 2010.

Mas afinal, como se dá este processo que permite que uma doutrina espiritual e milenar indiana adquira esta nova identidade nas sociedades ocidentais? Para responder esta questão, devemos investigar em primeiro lugar quais seriam os mecanismos responsáveis pelas transformações das representações do yoga – que migram no ocidente de uma prática de transcendência do ego para uma prática associada a um culto egóico do corpo físico, que se torna esteticamente belo através das posturas difíceis.

Segundo o historiador G. Feuerstein, a posturas do Yoga que tanto seduzem os ocidentais são apenas a 'pele' desta prática. São o primeiro elemento, o mais externo. Por trás delas se ocultam a 'carne e o sangue' do controle da respiração e das técnicas mentais mais difíceis de aprender, além de práticas morais que exigem toda uma vida perseverante e correspondem ao 'esqueleto' do corpo. As práticas superiores de concentração (*Dharana)*, meditação (*Dhiana*) e êxtase (*Samadhi)* seriam, por sua vez, análogas aos sistemas circulatório e nervoso. E, no coração do Yoga, segundo Feuerstein, "reside a realização da própria Realidade transcendente, seja como for que a conceba" (FEUERSTEIN, 2005, p. 19).

Mas, segundo nossas pesquisas em publicações de grande circulação nacional, estes aspectos espirituais tem sido soterrados pelos corpos cada vez mais belos e bem delineados. E apenas este aspecto epidérmico do yoga – a prática das posturas – vem sendo valorizado pela mídia.

Esta transformação na maneira como se concebe o sentido de Yoga no ocidente é decorrente do próprio processo histórico de incorporação da prática aos valores ocidentais, e da maneira como os próprios mestres indianos apresentam aspectos desta prática ao ocidente. Temos aqui um processo de transumância de uma prática cultural-religiosa para uma nova cultura, onde passa a ser reinterpretada, adquirindo novos significados e identidades.

Este processo se intensifica no início do século XX, quando temos um duplo movimento de aproximação: de um lado, importantes yogues indianos passam a visitar e se estabelecer nos Estados Unidos e Europa (muitos deles conhecedores da língua inglesa em virtude do período de dominação britânica que se encerra em 1947); e, de outro lado, muitos ocidentais viajam para a Índia e tomam suas iniciações nas sendas iniciáticas do conhecimento yogue.

Assim, as formas utilizadas pelos indianos para adaptar seus conhecimentos aos praticantes ocidentais, e as formas através das quais os ocidentais

passam a traduzir este conhecimento para seu universo cultural, colaboram diretamente para esta transformação conceitual do Yoga. Este processo pode ser observado, sobretudo, nas diversas obras sobre Yoga publicadas por autores ocidentais ao longo século XX.

Um exemplo disto são as publicações do advogado norte americano Willian C. Atkinson, que nos primeiras décadas do século XX torna-se discípulo do famoso yogue indiano Baba Bharata, e passa a publicar livros nos Estados Unidos com o pseudônimo de yogue Ramacharaca[7].

Em suas obras, e nas obras de outros autores, tornam-se notórios os esforços contínuos de elaboração de novas definições conceituais para que uma prática oriunda de um universo religioso oriental pudesse ser recebida sem preconceitos dentro da matriz religiosa judaico-cristã predominante no Ocidente.

> Não é de se admirar que o investigador ocidental tenha idéias algo confusas sobre os yogues, sua filosofia e suas práticas. Os viajantes têm escrito muitas narrativas fantásticas sobre os bandos de faquires mendicantes e charlatães que infestam os extensos caminhos e as ruas das cidades da Índia, arrogando-se imprudentemente o título de yogues.
> Por esse motivo é desculpável que o estudioso ocidental acredite ser o yogue típico um indivíduo extenuado, um fanático sujo ou um hindu ignorante, que se senta em uma postura fixa até a ossificação de seu corpo, que mantém os braços levantados até que se tornem rígidos, permanecendo nesta posição toda a vida, ou que fecha os punhos, mantendo-se nessa posição até que as unhas, crescendo, atravessem a palma da mão
> Essa gente existe, é verdade: mas sua pretensão ao título yogue parece tão absurda ao verdadeiro yogue, como, ao presidente da universidade de Harvard ou Yale, a pretensão ao título de doutor por parte do pedicuro que se julgue um cirurgião iminente, ou ainda de professor, dado ao que venda contra a traça. (RAMACHARA, s/d, p. 11 e 12).

Aqui, o autor explicita uma imagem que vigorou durante o início do século XX no ocidente, associando a prática de yoga ao faquirismo e outras práticas exóticas e extenuantes onde o ser humano vai até seus limites físicos e psicológicos. Tais práticas são totalmente desvinculadas do conceito ocidental

[7] Suas obras *Ciência Hindu-Yogue da respiração* e *Hatha Yoga ou filosofia yogue do bem- estar físico* são consideradas pioneiras na apresentação do Hatha Yoga e das técnicas de respiração yogue para o público ocidental.

de saúde, onde se valoriza o cuidado do corpo físico e o asseio, principalmente numa sociedade de cunho higienista[8] como é a sociedade em questão.

Assim, o autor explicita um estereótipo do yogue que ainda vigorava no ocidente no período em que ele escrevia seu texto (por volta de 1920) e mostra como esta imagem não corresponderia ao verdadeiro conceito de yogue: o de um homem com perfeita saúde e equilíbrio físico e mental. Este novo conceito de yoga que estava sendo introduzido principalmente por autores ocidentais que viajavam para a índia como prática de saúde, nos é apresentado em passagens como esta:

> Muitas escolas de filosofia oriental têm sido fundadas sobre a ciência da respiração e as raças ocidentais, uma vez que adquiram o seu conhecimento, obterão, em vista do seu senso prático, grandes resultados.
> A teoria do Leste, unida à prática do Oeste, dará excelente fruto e de maior transcendência. Esta obra trata da ciência yogue da respiração, inclui tudo o quanto é conhecido pelo fisiólogo e higienista ocidental, além do aspecto ocultista que encerra o assunto. Não só assinala o caminho a seguir para a saúde física, de acordo com o que se denomina "respiração profunda" pelos cientistas ocidentais, como também penetra nos aspectos menos conhecidos da questão, mostrando como o yogue educa o seu corpo, aumenta sua capacidade mental e desenvolve a parte espiritual de sua natureza, por meio da ciência da respiração. (RAMACHARA, s/d, p. 19).

Segundo nossas pesquisas, o primeiro passo para destituir a imagem do yoga associada a corpos magros e fanáticos religiosos – permitindo assim que a prática fosse aceita no ocidente – teria sido a associação discursiva entre o yoga e a saúde do corpo. Justamente esta é a associação que o autor nos propõe na passagem acima, falando dos benefícios que "as raças ocidentais" poderiam adquirir através das práticas respiratórias.

O yoga poderia restituir aos homens ocidentais os pulmões fortes para "defenderem sua saúde" em meio às cidades grandes e poluídas do início do século XX (RAMACHARA, s/d, p. 28).

[8] Segundo a definição de Maria Lúcia Boarini "Pode-se dizer que o higienismo, como uma forma de pensar, é um desdobramento da 'medicina social'. A urbanização sem planejamento [...] traz como conseqüência problemas de toda ordem, entre os quais destacam-se os de natureza médica: as condições sanitárias ameaçadoras e os surtos epidêmicos. Morria-se de uma ampla variedade de doenças, como varíola, febre amarela, malária, tifo, tuberculose, lepra, disseminadas mais facilmente pela concentração urbana" (BOARINI, 2004). Destas mortes associadas às cidades insalubres, surge o projeto da cidade higienista, com avenidas largas e projetadas.

Mas, além da saúde do corpo físico, o autor também nos apresenta outras duas qualidades fundamentais resultantes da prática do yoga que são o aumento da capacidade mental e o desenvolvimento espiritual. Todos estes elementos nos são apresentados no texto de forma muito prática, através de um discurso que visa apresentar o Yoga como uma ciência para o ocidente. Enquanto ciência, o yoga disporia agora de resultados positivos, comprováveis ao gosto dos ocidentais. Afinal, enquanto a prática esteve vinculada a religião, a imagem do faquir era a representação de seus resultados físicos.

E para dominar esta ciência yogue, cabe ao praticante realizar uma série de experimentos através de exercícios com seu próprio corpo, conforme o autor nos descreve em passagens como esta:

> O yogue realiza uma série de exercícios, por meio dos quais obtém o domínio de seu corpo e a habilita-se a enviar a qualquer órgão ou membro uma corrente maior de força vital ou Prana, fortalecendo e vigorizando, por esta forma, o membro ou órgão necessitado, conforme o seu desejo. (RAMACHARA, s/d, p. 20).

O controle do *prana*, ou das correntes vitais do corpo é conhecido no caminho da Hatha Yoga como *pranaiama*, técnica que se baseia em exercícios respiratórios como chave para este controle dos fluxos vitais. Assim, a técnica milenar do *pranaiama* – ou os exercícios respiratórios do Hatha Yoga é introduzida no ocidente através um discurso que ressalta seus benefícios para a saúde, e a possibilidade de curar ou energizar conscientemente partes do corpo que necessitam deste fluxo vital.

Independentemente da existência comprovada de tais benefícios, o que pretendemos ressaltar aqui é o modelo de discurso através do qual se apresenta o Yoga no ocidente no início do século XX. Trata-se de um discurso pragmático, e que, embora esteja trazendo temas e definições importantes acerca do Yoga, não explicita, por exemplo o propósito original do *pranaiama* conforme ele nos é apresentado nos antigos textos hindus, como o Hatha Yoga Pradipiká (p. 131):

> Prana está associado a todas as formas de expressão e movimentação; isso inclui os próprios processos mentais. Assim, pranaiama também conduz aos estados meditativos. Essa atuação do prána sobre a mente é claramente exemplificada em outro verso (sloka) do texto clássico (Hatha Yoga Pradipiká): "quando o prana flui, a mente (chitta) também flutua. Quando o prana se torna estável, também a mente se torna estável".

Assim, o propósito original da prática do *pranaiama* é a estabilização da mente, para que o praticante possa atingir estados meditativos mais elevados.

Não há uma contradição entre este propósito espiritual e o discurso sobre a ciência da saúde dos pulmões – ambos elementos podem estar associados. No entanto, este propósito de aquietamento da mente não é apresentado como objetivo central da prática nos textos do Yogue norte-americano Ramachara.

Podemos perceber aí a existência de um esforço discursivo[9] de adaptação conceitual – que parte dos próprios autores e praticantes de Yoga (denominados *yogues*) que entram em contato direto com as sendas indianas. E, a partir deste novo discurso, temos outros segmentos da sociedade que, já no inicio do século XX, passam a se interessar pelos benefícios desta prática e acabam por incorporá-la em seus discursos.

Vale mencionar o caso dos profissionais da área de medicina, dos profissionais de educação física e dos jornalistas, que passam a divulgar o Yoga na mídia de grande circulação (jornais, revistas, etc.). Cada um destes segmentos se esforça para incorporar o Yoga dentro de suas pesquisas e práticas discursivas, em um processo contínuo de transformação e adaptação do Yoga aos paradigmas do pensamento ocidental. E deste esforço gradual de incorporação resultam os discursos contemporâneos sobre o yoga, como as passagens das revistas citadas acima, em que os benefícios físicos da prática suplantam qualquer outro tipo de propósito ou benefício.

Sem dúvida, um dos fatos de grande relevância para esta divulgação do yoga no ocidente durante o início do século XX foi a própria domina-

[9] O conceito de discurso, do qual deriva a idéia de um esforço discursivo, constitui hoje um importante campo de estudo dentro das ciências humanas – a chamada Análise do Discurso. Muitos autores colaboram na atualidade elaborando definições deste conceito, mas Michel Foucault pode ser considerado a grande referência para todo este campo de concepções sobre os discursos. Sobre o conceito de discurso em Foucault, a psicanalista Marlene Guirado faz as seguintes considerações: "Foucault supõe que em toda sociedade a produção do discurso está controlada, selecionada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função excluir poderes e perigos, dominar o acontecimento aleatório e esquivar sua pesada e temível materialidade. Ou seja, o discurso é a instância por excelência onde se armam conflitos, resistências, relações de poder e desejo. O discurso não é a tradução dos aspectos da vida social, mas sim o terreno mesmo onde eles de dão, daí o seu estatuto de materialidade. Foucault concebe a formação discursiva como prática institucional, revelando suas condições de produção segundo uma série de dispositivos identificáveis. A análise empreendida por este autor almeja o desmascaramento das intenções do discurso, conforme desvela seus procedimentos de controle, provocando modificações nas relações de poder aí articuladas. Portanto, realizar a análise do discurso (referido, por exemplo, ao que uma determinada sociedade organiza sobre os temas da sexualidade, do poder, da repressão, etc.) segundo esses preceitos é fazer política, no sentido estrito do termo; é alterar o jogo de poder, isto é, a correlação e a disposição de forças no imaginário social. Com Foucault, nota-se muito claramente que as condições de produção do discurso são intrínsecas ao próprio discurso; não estão alhures, além ou aquém dele; é na própria estrutura da formação discursiva que se pode apreender suas intenções e os termos de seu engendramento" (GUIRADO, 1995, p. 28).

ção Britânica da Índia, entre 1849 a 1947. Diversas escolas tradicionais de yoga sobreviveram ao longo da história da Índia, desde o período védico até meados do século XIX, quando a ocupação britânica finalmente coloca o Ocidente em contato com esta vasta tradição. Á partir deste período, os estudos ocidentais – especialmente de acadêmicos britânicos – sobre a história e a filosofia hindus vão se intensificando.

O próprio processo de criação de universidades de modelo britânico em território indiano possibilita que haja um processo de migração de pesquisadores britânicos – especialmente ligados às áreas de arqueologia, antropologia e história – para o território indiano, a partir da metade do século XIX. E, à medida que os próprios colonizadores passam a fazer concessões aos colonizados, permitindo que indianos de castas superiores acessem as cadeiras destas universidades, passa a haver um processo de formação acadêmica de estudantes indianos (PANNIKAR, 1979).

Tais estudantes, em alguns casos, dispunham também de formação em técnicas iniciáticas do yoga (como é o caso de Paramahansa Yogananda, que analisaremos a seguir) e podem a partir de então somá-las a uma organização discursiva oriunda da academia. Além disso, passa a haver também a possibilidade de os próprios indianos viajarem para a Inglaterra para estudar nas tradicionais instituições britânicas – possibilidade que em muitos casos ajuda a formar grandes yogues Ilustrados, como é o caso de Sri Aurobindo[10].

Assim, através deste processo que inclui o domínio da língua inglesa, os próprios Indianos tornam-se imbuídos da missão de 'levar' a tradição do Yoga para as Américas. Um dos primeiros mestres indianos a trazer esta tradição é Paramahansa Yogananda, que nos anos de 1920 viaja para um congresso de religiões nos Estados Unidos, onde permanece radicado até sua morte, em 1951. Neste período, Yogananda funda a Self Realization Fellowship e são estabelecidos importantes Ashrans na Califórnia, onde os alunos ocidentais tomam contato pela primeira vez com as técnicas de Krya Yoga – linhagem iniciática passada de mestre para discípulo (YOGANAN-

[10] Aurobindo, além de mestre de Yoga e criador da técnica que associa Yoga a educação nas escolas – a chamada Yoga Integral – também tem uma participação política decisiva no processo de emancipação da Índia, ao lado do próprio Mahatma Ghandi, outro importante Yogue histórico. Segundo Horivaldo Gomes, atual presidente da Associação Brasileira de Yoga Integral "Sri Aurobindo, Mestre do Yoga Integral, filósofo, poeta, nasceu em Calcutá, a 15 de Agosto de 1872. Foi educado na Inglaterra, retornando à Índia em 1893, já com uma forte tendência à luta política pela libertação de seu povo. Apesar de suas atividades como professor e escritor, Sri Aurobindo manteve permanente contato com líderes e ativistas políticos e reafirma cada vez mais sua decisão de conscientizar e libertar a nação indiana do domínio colonial inglês" (GOMES, 2003, p. XV).

DA, 2007). O reconhecimento do legado de Yogananda pela sociedade ocidental se traduz principalmente nas inúmeras edições de sua obra mais célebre, *Autobiografia de um Yogue*. Esta obra foi editada pela primeira vez em 1945, mas teve diversas edições posteriores, em vários países, tornando-se um best-seller que resiste ao tempo – o Brasil recebeu duas edições recentes da obra, uma em 2005 e outra em 2007, tendo já sido publicadas as primeiras edições na década de 70.

Alem de Yogananda, outros importantes Yogues participam deste momento histórico que dá inicio à transposição das técnicas yogues para o ocidente (entre o final do século XIX a primeira metade do século XX). Entre estes, destacam-se o já referido Sri Aurobindo (grande líder político no processo de independência da Índia e criador do Yoga Integral), Swami Muktananda (criador do Siddha Yoga Dham), Maharishi Mahesh Yogui (Meditação transcendental), Bagwan Rajneesh (depois denominado Osho, fundador da Osho international Foundation). Todos estes mestres visitam o mundo ocidental no período referido acima ou um pouco posteriormente, fazendo deste um período no qual florescem grandes mestres espirituais e suas respectivas escolas. Muitos destes foram deixados de lado nesta breve listagem que aqui apresentamos.

Embora os textos destes mestres ressaltem em sua maioria o caráter espiritual profundo do yoga, a sua chegada no ocidente só seria possível neste contexto em que o Yoga passa a ser aceito como prática científica, e voltada para a saúde dos praticantes, e não mais como prática de "faquires" "charlatães" ou "hindus ignorantes".

3 YOGA NO BRASIL: O PERCURSO DA PRÁTICA

A trajetória do Yoga no Brasil é um episódio particular e sumamente representativo da trajetória de sua difusão no Ocidente em geral. Do ponto de vista da historiografia, podemos apontar uma série de peculiaridades, referentes à forma e ao momento histórico em que esta prática começa a ser difundida aqui – em pleno regime militar, quando ganha adeptos tanto entre membros da contracultura quanto nas próprias fileiras militares (sendo o mestre Hermógenes talvez o mais conhecido exemplo entre estes últimos).

Embora existam várias obras de autores brasileiros sobre Yoga, tais publicações são, quase sempre, escritas pelos próprios professores ou mestres de Yoga. A grande preocupação destes autores vai no sentido de definir o

Yoga para o público brasileiro, sem no entanto se aprofundar numa análise da própria historia da qual eles próprios fazem parte – a história do Yoga no Brasil.

O início de tal história nos remete ao início dos anos 50, quando temos registros dos primeiros professores que aqui se instalam. Esta trajetória, no entanto, pode ser anterior, mas a carência de fontes documentais nos leva a estabelecer este período como marco inicial deste processo de incorporação do Yoga aos hábitos culturais e espirituais da sociedade brasileira.

Pouco depois de aportar nos Estados Unidos, trazida por Yogananda e seus contemporâneos – a tradição do Yoga também teria sido levada aos países do cone sul, sobretudo Argentina e Uruguai. Este processo, no entanto, não corresponde à migração de um yogue indiano para a região, mas sim a de um francês conhecido como Swami Sevananda (Leo Alvarez de Masqueville). No início da década de 30 do século passado, Sevananda torna-se fundador do GIDEE (Grupo Independente de Estudos Esotéricos), espécie de 'universidade espiritual` que funcionou em Montevidéu (Uruguai). No interior deste grupo, teriam sido criadas linhas de estudo de yoga, teosofia, budismo, vedanta. Além de debater, o grupo se propõe tambem difundir, através de palestras, os resultados obtidos através de seus estudos. E, partindo do Uruguai, missões de membros de GIDEE passam a percorrer o Brasil (principalmente os estados do sul) e outros países da América Latina, dando palestras sobre questões espirituais (DE ROSE, 1985).

Em seus cursos, Swami Sevananda teria se utilizado de elementos do sistema educacional de Yoga Integral de Sri Aurobindo, além de elementos do pensamento de outros Yogues como Vivekananda, Ramakrishna, Sivananda e Yogananda. O próprio Sevananda também teria sido responsável pelas primeiras apresentações sobre Yoga no Brasil, no ano de 1947. Segundo o Professor De Rose, um dos principais autores de publicações brasileiras sobre Yoga:

> Quem inaugurou oficialmente a existência do Yoga no Brasil foi Sri Sevananda Swami – ele viajou por varias cidades fazendo conferências, fundou um grupo em Lages (SC) e um mosteiro em Resende. Sevananda era um líder natural e sua voz era suficiente para arrebatar corações e mentes. Com Sevananda aprenderam Yoga todos os professores da velha guarda, o que pode ser testemunhado pelos veteranos Zenaide Castro (Lages), Dalva Arruda (Florianópolis), Guilherme Wirz (São Paulo), Carlos Trota (Rio), Georg Kritikos (Belo Horizonte) e outros.

> Ao considerar sua obra bem alicerçada e concluída, o Mestre Sevanada se recolheu para viver em paz seus últimos anos. Todos quanto o conheceram de perto guardam-lhe uma grande admiração e carinho. [...] Entretanto Sevananda introduziu o Yoga sob uma conotação mística e em trabalho de mosteiro. O primeiro a introduzir o Yoga como trabalho de academia de Yoga, foi o grande Caio Miranda. Dele foi o primeiro livro de Yoga de um autor brasileiro. Escreveu vários livros, fundou perto de vinte institutos de Yoga em diversas cidades e preparou dezenas de professores de Yoga. Assim como Sevananda, Caio Miranda tinha um forte carisma que não deixava ninguém ficar indiferente: ou o amavam e seguiam, ou o odiavam e perseguiam. (DE ROSE, 1985, p. XXII).

Uma informação histórica importante é que na cidade de Resende, no Rio de Janeiro, onde Sevananda funda seu mosteiro, estava instalada também a sede da Academia Militar das Agulhas Negras, uma das mais importantes escolas militares do Brasil, que tem participação decisiva no golpe de 64[11]. Provavelmente esta coincidência geográfica permite que o Yoga passe a ser divulgado na sociedade brasileira também entre os militares, justamente nos primeiros anos da ditadura. Assim, o Yoga não entra em nossa cultura apenas pelo viés do Movimento da Nova Era (ligado a Hippies ou esotéricos[12]), mas também com o conhecimento dos próprios militares.

---

[11] Justamente na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende (RJ), o triunfo golpe militar fora decido no dia 1º de Abril de 1964. Neste momento, quando as tropas vindas de Juiz de Fora rumo ao Rio de Janeiro, sob o comando do general Olímpio Mourão Filho, encontraram as tropas vindas de São Paulo sob o comando do general Amaury Kruel, o ministro do Exército do Governo de João Goulart, Morais Ancora, finalmente desiste de opor qualquer resistência ao golpe. E o Brasil sucumbe à ditadura (Cf. OLIVEIRA, 1976).

[12] A professora Magnólia Gibson Cabral da Silva (docente da UFCG - PB) define da seguinte maneira, em artigo recente, os conceitos de Nova Era e Esoterismo: "O Movimento Nova Era, responsável pela difusão destas tradições no Ocidente contemporâneo, é considerado pelos estudiosos como o 'acabamento' das idéias que surgiram nos séculos XVI, XIX e XX na Europa com os Movimentos Esotéricos, que estabelecem pontos de convergência entre ciência e religião, Oriente e Ocidente. E, em uma nota de rodapé, lê-se a seguinte definição:O esoterismo moderno é, ao mesmo tempo uma forma de pensamento ou tipo de conhecimento (modo de abordar a realidade), uma doutrina, uma concepção de universo (Teodicéia) e um grande movimento espiritual e intelectual, que congrega – em torno de si – uma infinidade de movimentos, de idéias, de práticas, de técnicas e de realizações. O esoterismo critica o catolicismo por este ter perdido seu caráter iniciático – caminho do auto-conhecimento – e por seu caráter oficial e político de articulador da vida comunitária e legitimador do controle do Estado sobre os indivíduos" (SILVA, 2007, p. 88). Assim, o Yoga vai sendo incorporado a este universo de práticas esotéricas, principalmente a partir do fim dos anos 60.

Um exemplo disso é que em 1962, um militar – o tenente do exército José Hermógenes, que depois passa a ser conhecido como Mestre Hermógenes – funda no Rio de Janeiro a Academia Hermógenes de Yoga. Além de ensinar, Hermógenes torna-se um dos mais conhecidos autores brasileiro de livros sobre Yoga. Suas publicações *Autoperfeição com Hatha Yoga* e *Yoga para Nervosos* tornam-se clássicos já no final da década de 60, quando a Yoga alcança grande divulgação principalmente entre os adeptos da 'vida alternativa' e passa a fazer parte do universo de práticas daqueles que buscam caminhos de auto-conhecimento e realização espiritual fora das grandes teodicéias religiosas.

Tendo ele mesmo se curado de um caso de tuberculose através da prática de exercícios de Yoga, já na década de 60, Hermógenes passa a trabalhar para a aceitação destas técnicas junto à comunidade médica. Hermógenes teria sido pioneiro ao levar práticas de yogaterapia para dentro dos hospitais, trabalhando sobretudo na Santa Casa do Rio de Janeiro – onde teria conseguido resultados importantes na cura de casos de doenças pulmonares (GNERRE, 2009). Assim como o autor norte-americano Ramachara, as obras de Hermógenes ressaltam em primeiro lugar os benefícios para o corpo e a saúde que advém das práticas de pranaiamas e posturas, mas sem deixar de lado em momento algum os objetivos espirituais de tais práticas.

Por sua origem potiguar, Hermógenes dedica-se, desde a década de 60, à difusão do Yoga no nordeste. Suas obras são recheadas de referências a sua terra natal, e de relatos de praticantes de suas técnicas que no Rio Grande do Norte e em Pernambuco teriam conseguido se curar de malefícios através de seu método de práticas de Hatha- Yoga:

> Em Natal, um humilde funcionário dos correios venceu a timidez neurótica e começou a viver. Também em Natal, um funcionário do Banco do Brasil, depois de muitos anos de diabetes que parecia invencível, conseguiu o controle e a estabilização da doença. (HERMOGENES, 2006, p. 18).

Os casos de curas de doenças relatadas pelo autor são muitos nas primeiras páginas de *Autoperfeição com Hatha Yoga*. Isso nos dá um indicativo de que este discurso acerca dos benefícios à saúde também foi a porta de entrada do yoga na vida de muitos brasileiros, que a partir da obra de Hermógenes começam a praticá-la, já que suas obras tem um caráter eminentemente prático.

Conforme ressaltamos anteriormente, graças ao trabalho destes primeiros professores, como Hermógenes, que a prática vai se espalhando por diversas regiões do Brasil. Já neste período inicial de difusão do

Yoga, forma-se também uma das primeiras professoras do nordeste – a Professora Cristina Abreu, discípula direta do Professor Hermógenes e pioneira no ensino de Hatha Yoga na cidade de João Pessoa[13]. Assim, a prática de Yoga chega à região já nos momentos iniciais de sua introdução no Brasil, e na década de 80 temos a fundação da Associação de Yoga da Paraíba (AYPB).

Seguindo nessa breve apresentação dos momentos que consideramos centrais da história do Yoga no Brasil, em meados dos anos 60 entraria em cena de outro personagem central do movimento da Yoga no Brasil – o professor De Rose. Ele funda, ao 20 anos de idade, o Instituto Brasileiro de Yoga, também no Rio de Janeiro. Em 1969, De Rose publica a primeira edição daquele que viria a ser considerado seu livro mais importante, *Prontuário de Yoga antigo*.

Em 1978, De Rose teria liderado a campanha pela criação e divulgação do Primeiro Projeto de Lei visando à Regulamentação da Profissão de Professor de Yoga. Sob sua influência, surgiram diversos Cursos de Extensão Universitária para a Formação de Instrutores de Yoga em inúmeras universidades pelo país. Em 1981, Swami Sevananda, Caio Miranda e outros nomes do Yoga no Brasil teriam fundado o 1º Curso Regular de Formação em Yoga, na atual Faculdades Integradas Espíritas, instituição na época chamada de Faculdade de Ciências Bio-Psíquicas do Paraná. Nas décadas de 1980 e 1990, disseminan-se as Federações e Associações de Yoga por todo o país, com cursos de formação e abertura de academias[14].

Embora a prática de yoga na India esteja associada desde sua orígem a praticantes do sexo masculino, no Brasil ela foi sendo associada a um universo feminino, e ganhando espaço principalmente nas academias de ginástica, desde a década de 70. Foi justamente galgando este caminho de transformação no imaginário social, que a prática do Yoga no Brasil foi deixando de ser associada a elementos exóticos em nossa sociedade, como magros Sadhus indianos (conceito ainda corrente na década de 60, momento de lançamento das primeiras publicações[15]), e passa cada vez mais a ser associada aos belos corpos femininos conforme mostramos anteriormente.

---

[13] Informações fornecidas pela própria Cristina, em conversas preliminares durante visita a cidade de João Pessoa (PB). Cristina Abreu será uma das entrevistadas de nosso projeto (cf. p. 24 do presente projeto).

[14] Informações retiradas do site da Uni-Yoga www.uni-yoga.org.br. Acesso em: 31 maio 2008.

[15] Até o início da década de 60 era comum ainda a associação do Yoga ao Faquirismo, como indica José Hermógenes (2003, p. 87).

Toda esta trajetória de relacionamentos entre brasileiros e o Yoga, que remete ao início dos anos 50, contribui para este crescente interesse pelo Yoga – sobretudo enquanto prática física – por parte da mídia e da sociedade brasileira contemporânea. No entanto, este crescimento da atenção aos benefícios físicos e imediatos do Yoga não exclui o crescimento do Yoga enquanto caminho espiritual dentro da sociedade brasileira. Na verdade, ambos elementos estão conectados e, muitas vezes, ao se apresentar para uma prática física, o praticante acaba conhecendo um pouco da tradição na qual está envolvido, interessando-se e adotando determinadas práticas espirituais provenientes das religiões hinduístas.

O sincretismo, que segundo historiadores e antropólogos (como Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro), seria uma característica tradicional da religiosidade brasileira, pode ser apontado como um elemento cultural que colabora para este processo de aceitação de elementos mais espirituais do Yoga dentro de nossa sociedade. O sincretismo é uma característica da sociedade brasileira que remete ao seu passado colonial, período no qual são estabelecidas justamente as primeiras relações dos portugueses com as divindades hindus. Desde a ocupação de Goa, no século XVI, temos o início deste processo de relacionamento da cultura luso-brasileira com a cultura indiana, ou com as "divindades gentias" – termo utilizado para os deuses hindus (SUBRAHMAYAM, p. 190).

E, além desta incorporação sincrética por parte daqueles que já se identificam com uma religião tradicional, o Yoga tem se tornado uma forma de prática espiritual para muitos indivíduos que se encontram destituídos de uma religiosidade em sua vida cotidiana – fenômeno tão característico da sociedade materialista contemporânea. Assim, embora existam muitos discursos centrados no físico, pode-se é possível perceber que na sociedade brasileira também há também espaço para as características espirituais da prática de Hatha Yoga.

Artigo recebido em 16 de março de 2010.
Aprovado em 20 de agosto de 2010.

REFERÊNCIAS

BOARINI, Maria Lucia; YAMAMOTO, Oswaldo Hajime. Higienismo e eugenia: discursos que não envelhecem. *Psicologia Revista*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 59-72, 2004.

CARVALHO, Luciana. *História e Filosofia do Yoga*. João Pessoa: Associação de Yoga da Paraiba (AYPB), 2007.

DE ROSE. *Prontuário de Yoga antiga*. Rio de Janeiro: Ground, 1985.

ELIADE, Mircea. *Yoga*: imortalidade e liberdade. São Paulo: Palas Athena, 2004.

FEUERSTEIN, Georg. *Uma visão profunda do Yoga*: teoria e prática. São Paulo, Pensamento, 2005.

_____. *Enciclopédia de yoga da Pensamento*. São Paulo: Pensamento, 2005.

GOMES, Horivaldo. *Yoga integral*: o yoga para uma nova era. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

GNERRE, Maria Lucia Abaurre. "Entrevista com Professor Hermógenes, Rio de Janeiro, 31/10/2009". In: *História do Yoga e das religiões orientais no Brasil*: uma abordagem de 1950 aos dias atuais. Material não publicado – parte de pesquisa em andamento (financiamento CNPq/Fapesq).

GUIRADO, Marlene. *Psicanálise e análise do discurso* – matrizes institucionais do sujeito psíquico. São Paulo: Summus, 1995.

HERMÓGENES, José. *Autoperfeição com Hatha-yoga*. 46. ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2006.

IYENGAR, B.K.S. *Luz na vida*: a jornada da ioga para a totalidade, a paz interior e a liberdade suprema. São Paulo: Summus, 2007.

IONS, Verônica. *Mitologia indiana*. Lisboa: Verbo, 1987.

JAMBET, Cristian. *A lógica dos orientais*: Henry Corbin e a ciência das formas. São Paulo: Globo, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MIELE, Neide. Eadem Mutata Resurgo: "Embora Mudado, ressurgirei o mesmo". In: *Religare – Revista de Ciências das Religiões*, João Pessoa, n. 5, mar. 2009.

MIELE, Neide. Editorial: 'Religião, cultura e produções simbólicas'. In: *Religare: revista de Ciências das Religiões*, Edição Semestral, n. 1, mar. 2007. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões – UFPB. ISSN 1982-6605.

OLIVEIRA, Eliezer. *As Forças Armadas*: política e ideologia no Brasil (1964-1969). São Paulo: Vozes, 1976.

POSSEBON, Fabrício. *Rig-veda*: a sabedoria das estrofes. Antologia bilíngüe: sânscrito e português, com um resumo de gramática védica. 1. ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB/Idéia, 2006.

SILVA, Maria do Socorro Andrade; STORNI, Maria Otilia Telles. "O efeito da espiritualidade no tratamento de saúde da terceira idade." In: *Religare: revista de Ciências das Religiões.* Edição Semestral, n. 2, set. 2007. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões – UFPB.

SUBRAHMAYAM, Sansjay. "O gentio indiano visto pelos portugueses no século XVI". In: *Indo-portuguesmente/ Revista Oceanos*, n. 19/20, set./dez. 1994. Lisboa: Comissão Nacional para a comemoração dos Descobrimentos portugueses.

YOGANANDA, Paramahansa. *A eterna busca do Homem* – como perceber Deus na vida diária. Los Angeles (EUA): Self Realization Fellowship, 2007. Coletânea de ensaios e palestras, v. 1.